

Os trabalhadores mobilizaram-se em defesa do direito à greve e de outras conquistas ⁽¹⁾



A pilhagem e a destruição prosseguem na Grécia. O governo de Alexis Tsipras fez passar, à pressa, um novo pacote de medidas exigidas pelos credores da Grécia para desbloquear uma nova tranche de ajuda (sobre a qual o Eurogrupo deveria tomar uma decisão uma semana tarde). Medidas adoptadas por 154 dos 300 deputados existentes no Parlamento.

À cabeça destas medidas figura a restrição do direito à greve. A partir de agora, para uma greve ser autorizada numa empresa será necessário que 50% dos assalariados votem a favor dela (dantes bastava o voto favorável de um terço). Uma medida denunciada pelos sindicatos e pelos trabalhadores como uma confiscação do direito à greve, digna do tempo dos coronéis (2).

Outra medida: a colocação na Internet das vendas em leilão forçadas. Leilões que até agora se têm chocado com a resistência de um movimento de militantes qui invadem os locais, impedindo que as vendas se realizem. Trata-se de uma medida que permitirá aos bancos contornar estes bloqueios para se apoderarem das casas de todos aqueles que – trabalhadores e aposentados arruinados pela crise – não podem fazer face aos seus pagamentos.

Também estão previstos cortes nos abonos de família. Cerca de 100 mil famílias com filhos arriscam perder até 32%, ou até da totalidade, dos seus abonos. O programa adoptado pelo Parlamento prevê ainda medidas que acelerem as privatizações, em particular a da DEI, a companhia nacional de electricidade.

20 mil manifestantes em Atenas

Face a estas novas liquidações dos direitos colectivos e vendas a saldo dos bens públicos, os sindicatos apelaram a dois dias de greve geral, na 6ª feira (12) e na 2ª feira (15 de Janeiro). Houve muitas dezenas de milhares de trabalhadores aderentes à greve. O Metro de Atenas, os autocarros e os comboios suburbanos foram paralisados. Tal como as ligações marítimas, bloqueadas pelo Sindicato dos marinheiros. Na 2ª feira, os aviões não conseguiram descolar, porque os controladores aéreos se juntaram à greve.

As escolas e os hospitais também seguiram largamente o movimento de greve.

Utilizando palavras de ordem como «*Não toquem no direito à greve*» ou «*Não à escravatura moderna*», 20 mil manifestantes percorreram as ruas de Atenas durante os dois dias de greve e concentraram-se em frente à Vouli (o Parlamento grego). Mas a forte mobilização não chegou para impedir o voto do pacote.

Uma ajuda, que será logo dissipada...

Passada uma semana, a 22 de Janeiro, frustrando as expectativas de Tsipras, o Eurogrupo acentuou a pressão. Os ministros das Finanças da Zona Euro exigem agora, para desbloquear os Fundos, que a Grécia implemente as 110 «acções prévias» – as medidas acordadas com os credores – para ter direito a uma nova tranche de ajuda. Ora dessas «acções» só 95 (em particular a restrição do direito à greve) entraram em vigor após o voto de 15 de Janeiro.

Portanto, são de prever novas medidas para que o Governo obtenha o desbloquear dos 6,7 mil milhões prometidos pelo Eurogrupo. Um montante de que 5,7 mil milhares repartirão de imediato para os cofres dos bancos europeus, para pagar o Serviço (juros) da dívida...

A miséria, em vez do crescimento anunciado

Após mais de uma década de austeridade, os financeiros e os investidores que querem laminar os direitos dos trabalhadores continuam a ditar a sua lei. Mas dizem-nos que a Grécia vai melhor. Que o crescimento voltou.

Alexis Tsipras pavoneia-se em Davos acompanhado pela chefe do FMI, Christine Lagarde, que o «*felicitou pelos progressos*» do seu país. O Director-geral do Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), Klaus Regling, assegurou que a Grécia «*já não está em modo de crise*». E um dirigente do Syriza – essa pseudo «esquerda radical» –, Dimitrios Papadimoulis, Vice-presidente do Parlamento Europeu, explica no *Humanité dimanche* (jornal do PC francês), a 27 de Janeiro, que «*a economia (grega) foi estabilizada e a sociedade ressentida, a um ritmo regular, os efeitos positivos deste restabelecimento*», que «*a economia doméstica está em vias de voltar ao crescimento*», e que é «*o início de uma nova era para o país*».

Qual é a realidade? Durante este tempo, o povo grego continua a morrer e a atolar-se na miséria. O desemprego continua a ser de 20,5% (um trabalhador em cada cinco), sem contar com todos os que estão fora das estatísticas e com as centenas de milhares de jovens, de médicos e de engenheiros que tiveram de sair do país.

O trabalho, quando há, é extremamente precário e os salários são miseráveis. Quatro pessoas em cada dez vivem abaixo do limiar de pobreza, com menos de 500 euros por mês. Metade dos Gregos sobrevive com uma pensão de aposentação, a sua ou a de um parente...

(1) *Crónica de uma correspondente grega de Informations ouvrières (Informações Operárias, semanário do Partido Operário Independente, de França), no seu número 488, de 1 de Fevereiro de 2018.*

(2) *Trata-se do período compreendido entre 1967 e 1974, quando a Grécia foi submetida a uma ditadura militar de direita.*